

## MAKWAYELA / 1977

*um filme de* JEAN ROUCH *e* JACQUES D'ARTHUYS

**Realização:** Jean Rouch, Jacques d'Arthuys / **Produção:** Comité du Film Ethnographique, CNRS (Produtor delegado), em colaboração com o Instituto Nacional de Cinema de Moçambique (França, Moçambique).

**Cópia:** do CNC, em ficheiro (original em 16mm), cor, versão original em português, legendada electronicamente em inglês / **Duração:** 18 minutos / **Estreia Mundial:** data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / **Primeira exibição na Cinemateca:** 15 e 22 de Novembro de 2011, Ciclo “Jean Rouch”.

---

**Makwayela** é apresentado com **Mueda – Memória e Massacre**, de Ruy Guerra (“folha” distribuída em separado).

---

**Makwayela** foi realizado em 1977, altura em que a obra de Jean Rouch já tinha adquirido plena maturidade, apontando para a diversidade da sua filmografia e das suas áreas de intervenção. **Makwayela** é um exercício de escola feito com os alunos do Instituto de Cinema de Moçambique inicialmente concebido como uma demonstração do plano-sequência, como se percebe no longo plano ininterrupto de cerca de dez minutos que introduz o filme. Todavia, não obstante a simplicidade e a modéstia dos seus propósitos, **Makwayela** revela-se um filme extremamente interessante, tanto por tudo o que revela do ponto de vista histórico, como pelo contexto em que foi produzido.

Face às instalações de uma companhia vidreira em Moçambique, um conjunto de homens, acompanhados por uma única mulher, cantam e dançam a “Makwayela” num misto de português e de fanakalo, uma “língua internacional” inventada pelos mineiros da África do Sul, de onde é originária a esta música, criada para acompanhar os árduos trabalhos nas minas e para cantar a condição das suas gentes. Oriundos de vários países próximos da África do Sul, como Moçambique, a esses mineiros não restava senão encontrar uma língua comum com a qual comunicariam e cantariam a Makwayela. Apropriada e transformada pelos trabalhadores moçambicanos que vemos na imagem, a Makwayela a que aqui temos acesso já não é uma canção de mineiros, mas uma música revolucionária. Em uníssono, estes operários moçambicanos cantam pela “união dos trabalhadores do mundo inteiro” e pelos “povos oprimidos que pegam em armas para combater essa mesma opressão”.

Num longo plano-sequência, que se aproxima e afasta dos rostos e dos corpos desses cantores-dançarinos, Jean Rouch e Jacques D'Arthuys registam os seus gestos e as suas vozes, um movimento que será interrompido no final da canção, quando se dá início a uma entrevista aos trabalhadores que versa sobre a própria música entoada, que nos conduzem através de uma visita através da fábrica. Segundo a boa tradição do cinema directo, vemos Rouch e os restantes elementos da equipa na imagem, enquanto colocam as questões cujas respostas não se fazem esperar, enfatizando-se o carácter revolucionário que a música anteriormente reservada aos homens, mas então também já entoada por mulheres, conquistou com a independência: “na medida em que conseguimos transmitir ao povo todo o passado desde a era colonial até ao presente, como é que éramos, nós moçambicanos, espezinhados, massacrados, torturados e maltratados sucessivamente.”

Mas **Makwayela** também é importante pelo que representa em termos de transmissão de conhecimento e de cooperação no verdadeiro sentido da palavra. Exercício de escola, é um dos grandes exemplos dos esforços levados a cabo por Rouch e por Jacques d'Arthuys (diplomata de carreira pertencente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros francês) para fornecer aos moçambicanos as ferramentas para realizarem o seu próprio cinema, e assim poderem proceder ao registo sonoro e visual da sua história. Em Abril de 1974, alguns anos antes da sua chegada a Moçambique, Rouch e d'Arthuys haviam testado a sua experiência no Portugal revolucionário através da realização de um conjunto de ateliers de documentário em Super-8 mm, experiência que não só seria a precursora desta aventura moçambicana – que antecederia as mais famosas experiências de Jean-Luc Godard e de Anne-Marie Miéville, que também partirão para Moçambique com a intenção de dar formação aos moçambicanos para que estes pudessem filmar a sua nova condição –, como estará na origem dos ateliers Varan, que até hoje se têm dedicado à formação com vista à produção documental. Experiências pedagógicas riquíssimas que são descritas em pormenor por José da Silva Ribeiro num texto incluído no catálogo da retrospectiva Jean Rouch, editado pela Cinemateca em 2011 intitulado *Jean Rouch em Portugal, Com Um Aperto de Mãos Amigas*,

Joana Ascensão